

Obras desconhecidas de Miguelzinho Dutra

Ruth Sprung Tarasantchi

Depto de Artes Plásticas da ECA/USP

Foi em 1981 que o Museu de Arte de São Paulo (MASP), juntamente com o Museu Paulista, mostraram uma interessante e importante exposição de aquarelas de Miguelzinho Dutra. Na ocasião, foi editado o catálogo, apresentado por Pietro Maria Bardi, que tinha ficado entusiasmado ao conhecer a obra deste importante personagem paulista do século XIX. Não podemos chamá-lo só de pintor, pois foi muito mais que isto, como veremos mais adiante. O livro apresenta as aquarelas que hoje fazem parte do acervo do Museu Paulista, mas vieram de Itu. Como se trata de obras executadas em papel frágil e são aquareladas, elas raramente são expostas. Sendo assim, o catálogo é a única referência que temos da obra deste artista. Estão reproduzidos nele projetos de altares, túmulos, talhas, alegorias, arcos comemorativos, retratos de pessoas que viveram no início do século XIX, tanto personalidades como tipos curiosos. Igrejas e conventos de Piracicaba, Itu e São Paulo, vistas de Itu e cascatas são importantes documentos destas cidades e seus entornos e também da lavoura canavieira que estava no auge.

Mário de Andrade, que conheceu as aquarelas de Miguelzinho, apesar do entusiasmo da descoberta achou o trabalho "imperfeito na técnica da pintura", mas de "enorme importância iconográfica", mesmo considerando-as "francamente incorretas como desenho e colorido".

Já Bardi não considera Miguelzinho um primitivo e sim um espontâneo, ingênuo não. Para ele, o artista "queria imitar a natureza" e por este motivo considera suas aquarelas "deliciosas e caseiras".

Seria realista, não verista, reduzindo a realidade à sua percepção nua e crua, um vedutista observador minucioso.

Foi em 1937 que os irmãos Dutra fizeram uma grande mostra de arte dos artistas da família no salão das Arcadas. Havia as obras do pai, Joaquim Dutra, de seus filhos José Dutra, Alípio Dutra, Arquimedes Dutra e

Antonio Pádua Dutra, e do bisavô, Miguelzinho Dutra, do qual mostraram três aquarelas. Destas, hoje, não sabemos o paradeiro e esperamos que apareçam um dia.

Anos mais tarde, em 1972, Arquimedes defendeu tese de doutorado na ESALQ, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em Piracicaba. Estudou os artistas piracicabanos e, em especial, a obra do bisavô Miguel Arcanjo Benício de Assunção Dutra, o Miguelzinho. Como a tese não foi publicada, poucos tiveram acesso aos dados do artista.

Em recente livro da família Dutra, de autoria de Augusto Velloso, encontramos reproduzidos vários documentos de valor histórico.

Miguelzinho nasceu em Itu, a 15 de agosto de 1810, e morreu em Piracicaba a 22 de abril de 1875. Foi músico, excelente organista, tinha a capacidade de produzir instrumentos e tocá-los. Estudou com os padres carmelitas, com quem aprendeu latim e teologia. Foi mestre-de-obras, fez trabalhos de arquitetura em igrejas e esculpiu imagens.

Este homem de tantas qualidades e interesses foi autodidata na pintura, descobriu o uso da aquarela por si mesmo. Vivia no interior e não tinha acesso aos produtos de pintura, por isso, sua paleta era reduzida. Usava sempre o azul para as árvores, matas e águas; tons ocres e castanhos para as construções e outros detalhes. Raramente aparecia o vermelho e, mais dificilmente, o verde. Como ele mesmo preparava suas tintas, é de admirar seu bom estado e o fato de não terem perdido a intensidade da cor.

Em conversa com a amiga Maria Cristina Paranhos Rio Branco, tomei conhecimento de uma coleção particular com 14 aquarelas de Miguelzinho, totalmente desconhecidas do público e dos estudiosos da arte. Perguntei aos familiares do artista se tinham conhecimento destas obras e soube que eles não as conheciam, apesar de terem notícia da existência delas. Colocada em contato com os donos, pude conhecer as obras e vê-las. Por coincidência, elas foram expostas em agosto por Max Perlingueiro, que as pediu emprestadas aos seus donos para valorizar o Salão dos Antiquários de São Paulo, que estava festejando o décimo ano. Foi este o motivo de o público poder apreciá-las por uma semana. De volta ao colecionador, este permitiu que fossem publicadas para serem vistas e estudadas futuramente.

As paisagens desta nova coleção representam vistas e recantos do Estado de São Paulo. O papel é o mesmo das que se encontram no Museu Paulista, e estão em muito bom estado, com algumas pequenas perdas laterais. Em algumas, o artista usou o papel dos dois lados.

Miguelzinho viajou pelo interior do Estado de São Paulo e pintou estes registros, nos quais temos um importante documento das primeiras décadas do século XIX, com destaque do tipo das construções nas nossas vilas e campos vizinhos.

A vista mais importante é a que nos mostra Itu. Estão em evidência a igreja, o casario, ruas de terra e pequenas chácaras. Existe outra versão desta, só que pintada a óleo. Faltam nela parte da paisagem da direita e o lado esquerdo tem o casario mais detalhado. Comparando as duas, a aquarelada é mais solta, mais espontânea.

Em outras duas vistas, de Guaratinguetá e Mogi das Cruzes, vemos as vilas de longe, aparecendo o casario e a vegetação, na de Guaratinguetá, e as

colinas atrás, na de Mogi. No verso da de Mogi está pintada uma pequena vista com igreja e arvoredo.

Em outra vista de Galhambá, pintada frente e verso, temos, de um lado, construções feitas com troncos que sustentam um telhado de palha. Parece tratar-se de um dos locais de descanso que havia nas estradas. Aparece uma negra cozinhando com uma panela dependurada em um tripé com o fogo aceso embaixo. Homens descansam e caixas e sacos estão espalhados no local. Do outro lado do papel estão pintadas casas de pau-a-pique, telhado de palha, bananeiras, a casa simples do caboclo.

Na aquarela de luru-Mirim, uma casa de porta e três janelas, telhado simples e, na frente, um rio com pedras ladeado pela floresta. Na aquarela de Taubaté aparece a igreja, casario e a vila esparramando-se pelas colinas.

Em outro registro da região, há no centro uma construção de muitas janelas com alpendre sustentado por estranhas – para o local e época – colunas neoclássicas. A casa está apoiada em uma superfície plana e rochosa. Do outro lado do papel, encontramos construções baixas cobertas com telhas e pessoas, animais e carroças.

Ele pintou Pindamonhangaba vista de longe, e aí temos suas casas e íngremes estradas de terra. Em outra aquarela fixou fazendas, plantações e colinas.

Miguelzinho, ao viajar, levava as aquarelas, pintava o que via, sentindo necessidade de reproduzir as paisagens que o inspiravam, usando uma pincelada pequena. Quando necessitava de um trecho com mais intensidade, voltava várias vezes com a tinta para o mesmo lugar, sem se preocupar em perder a transparência da aquarela. Para os aquarelistas esta qualidade é fundamental, mas provavelmente ele nem tinha conhecimento deste fato. Muitas vezes suas figuras humanas foram simplificadas, chegando a parecer bonecos. Mas são seus trajes típicos, ou seus afazeres que nos ensinarão muito sobre os costumes do período.

Como o artista fez trabalhos de arquitetura, fica aparente em algumas aquarelas a linha reta, sente-se o emprego da régua. Estas características são mais evidentes nos arcos que projetou para Itu, por ocasião da visita de D. Pedro II em 1846. Reproduziu ainda o chafariz do Piques em São Paulo, em 1847, alguns túmulos, o convento da Luz, em São Paulo, a igreja do Senhor de Bom Jesus de Itu (1841), o colégio do Padre Campos, também de Itu (1847), a igreja do Carmo de São Paulo e a catedral Imperial de São Paulo, de 1847, mais tarde demolida.

Felizmente estas aquarelas estão hoje preservadas pelo Museu Paulista. Quando o pintor se afasta das construções e vê as vilas a alguma distância, aparece uma pintura ingênua, simplificada, mas com uma poesia que nos encanta. A diminuta paleta de cores faz com que seu trabalho fique personalíssimo, logo reconhecido pelos azuis com que trata a vegetação e os castanhos do resto da paisagem.

Poucos foram os artistas que deixaram registros dos meados do século XIX do nosso Estado. Seu valor documental e artístico são motivos que aumentam o valor da obra de Miguelzinho. Com o aparecimento de obras desconhecidas, como é o caso destas, o interesse se redobra especialmente para os historiadores de arte e também para os que se interessam em saber sobre a evolução da região.

REFERÊNCIAS

BARDI, Pietro Maria. *Miguel Dutra, o poliédrico artista paulistano*. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 1981.

TARASANTCHI, Ruth Sprung. *Pintores paisagistas*. São Paulo. 1890-1920. São Paulo: Edusp/Imesp, 2002.

VELLOSO, Augusto Carlos Ferreira. *Os artistas Dutra*. São Paulo: Imesp/Sociarte, 2000.



FIGURA 1 – Vista de Itu. Aquarela de Miguelzinho Dutra, 74,5 x 49 cm. Coleção particular.

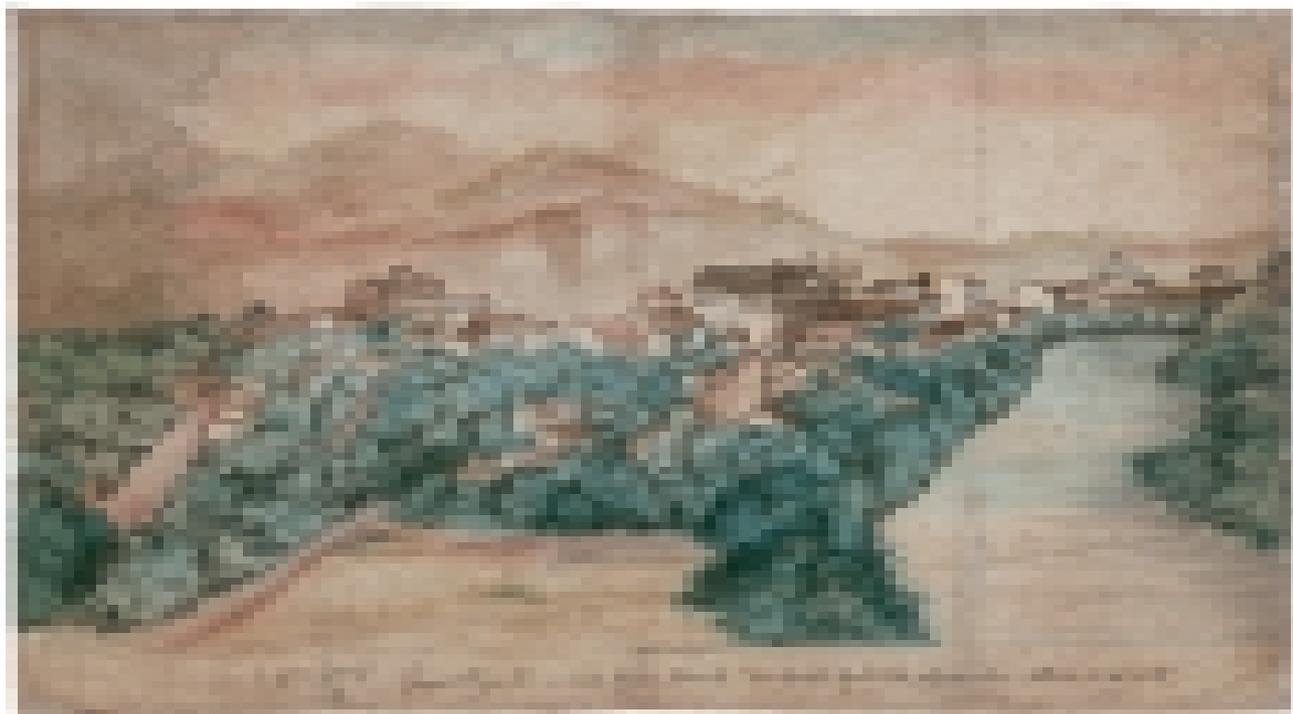




FIGURA 3 – Vista Ponte Velha Itu. Aquarela de Miguelzinho Dutra, 37 x 20 cm. Coleção particular.





FIGURA 5 – Taubaté. Aquarela de Miguelzinho Dutra, 41,5 x 27 cm. Coleção particular.



FIGURA 6 – Verso de Taubaté. Aquarela de Miguelzinho Dutra, 41,5 x 27 cm.
Coleção particular.

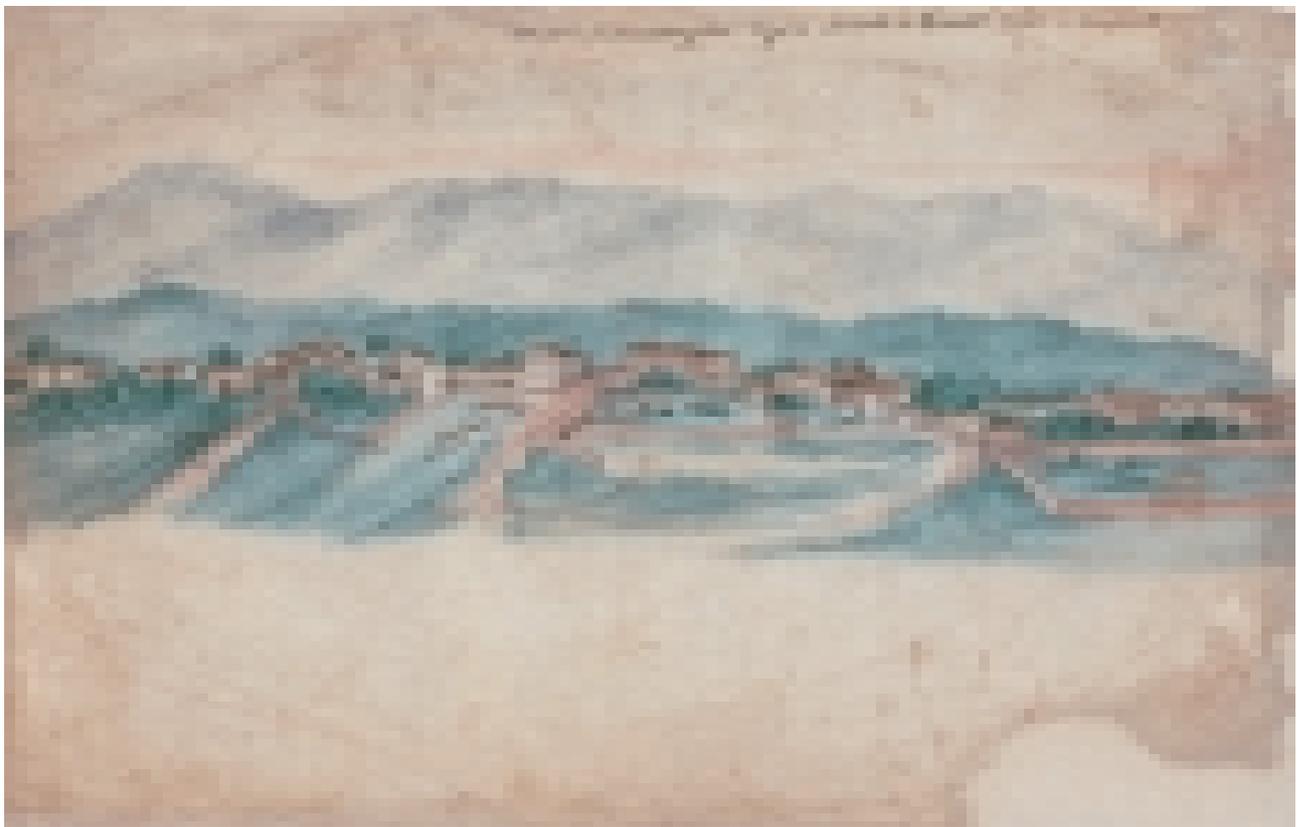


FIGURA 7 – Pindamonhangaba. Aquarela de Miguelzinho Dutra, 41,5 x 27. Coleção particular.





FIGURA 9 – Povoado. Aquarela de Miguelzinho Dutra, 26,5 x 10 cm. Coleção particular.



FIGURA 10 – Galhambá (verso de Povoado). Aquarela de Miguelzinho Dutra, 26,5 x 10 cm. Coleção particular.



FIGURA 11 – Mogi das Cruzes. Aquarela de Miguelzinho Dutra, 26,5 x 10 cm. Coleção particular.



FIGURA 12 – Picada dos Índios. Aquarela de Miguelzinho Dutra, 26,5 x 10 cm. Coleção particular.

